



ENTREVISTA PARA A *EM TESE*: O FUTURO DO PASSADO

PALAVRAS NUMINOSAS

José Antonio Alves Torrano*
ENTREVISTA POR: **Rafael**
Guimarães Tavares da Silva**

* jtorrano@usp.br
Professor Titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo.
** gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Minas Gerais).

Caro Prof. JAA Torrano, o senhor é um nome fundamental na história dos Estudos Clássicos no Brasil. Com sua formação e atuação na área de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP), desde a graduação (1974), passando pelo mestrado (1980) e pelo doutorado (1987), até a livre docência (2001), seus trabalhos de tradução e interpretação dos textos antigos marcaram época com sua visão renovada e renovadora do papel que o passado pode desempenhar no presente. Destaco especialmente suas propostas a partir dos poemas de Hesíodo, Ésquilo e Eurípides, cujas obras foram incansavelmente vertidas para uma língua portuguesa de alto teor poético e sagrado. Cumpre salientar também a importância de Platão no horizonte de suas reflexões. Em sua atuação como Professor de Língua e Literatura Grega na USP,

onde atualmente é Professor Titular, o senhor desempenhou e continua a desempenhar um esforço constante na formação de gerações de classicistas do Brasil. São décadas de empenho dedicado ao ensino da cultura, da língua e da literatura dos gregos antigos, sempre como forma de se engajar com o presente em vista de um futuro melhor.

O tema deste volume da *Em Tese* é a história dos Estudos Clássicos no Brasil. O senhor poderia nos contar um pouco sobre seus primeiros contatos com a tradição clássica? Que aspectos das culturas greco-romanas fizeram parte de sua educação na infância e na adolescência? Esses primeiros contatos deixaram algum tipo de lembrança ou marca?

Em Catanduva (SP), aos quatorze anos, na quarta série do ginásio, as aulas de História Geral me apresentaram os estilos de vida em Atenas e em Esparta, suas respectivas políticas, cultura, mitologia, guerras, personagens, ditos e anedotas inesquecíveis. Na década de sessenta, li tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides e comédias de Aristófanes em traduções de Mário da Gama Kury e do Barão de Paranapiacá, e pareceu-me que além de joviais os Deuses gregos inspiraram literatura muito mais requintada que o austero Deus que inspirou a bíblia. Nessa época, no colégio, no curso clássico estudávamos latim, português, francês, inglês, espanhol, filosofia, história e geografia. Quando soube que eu queria ser escritor, a professora de português me aconselhou a fazer Letras Clássicas na faculdade, porque no entender dela para ser um escritor era indispensável conhecer os clássicos greco-latinos, mas eu estava convencido de que para se entender o mundo é preciso estudar Filosofia, e estava decidido fazer Filosofia.

Em fevereiro de 1970, aos vinte anos, mudei-me para São Paulo para estudar Filosofia na USP. No entanto, em dezembro de 1969 o Departamento de Filosofia da USP tinha sido dizimado pelo regime militar com a cassação de quase todos seus professores e por isso e por mim mesmo eu me senti perdido e abandonei o curso.

Mas na lista de livros para o exame oral do vestibular de Filosofia, entre *Ménon* de Platão, *Discurso de Método* de Descartes e *Carta sobre Humanismo* de Heidegger, escolhi esta última porque me pareceu mais fácil de eu compreender por ser de autor contemporâneo, e para compreender melhor, li também *Introdução à Metafísica*, do mesmo Heidegger e pelo mesmo tradutor Emanuel Carneiro Leão. Este livro me deixou intrigado e pensei que eu jamais poderia ter uma opinião própria sobre ele se eu não soubesse grego antigo. Com o meu revertério no curso de filosofia, decidi prestar novo vestibular para o curso de Letras Clássicas, para estudar grego clássico e me entender com os novos horizontes descobertos nos livros de Heidegger.

Passando para a época de sua formação universitária no curso de Letras Clássicas na USP, o senhor poderia nos contar um pouco sobre esse período? Como era a vida de um estudante de graduação aspirante a classicista na década de 1970? Como o currículo era organizado? Quais disciplinas tiveram mais relevância em seu percurso pessoal? Quais professores foram mais marcantes e por quê?

Em 1971 matriculei-me no curso de Letras nas carreiras Português, Latim e Grego. Português, porque, como

eu queria ser escritor, achei que ganharia a vida como professor de Português; Latim e Grego, pela expectativa de encontrar na literatura dessas línguas antigas a fonte de inspiração para a escritura literária e para escapar à platitudo da vida cotidiana.

1971 para mim foi um ano de deslumbramento pela descoberta do grego clássico nas aulas da Prof.^a Anna Lia Amaral de Almeida Prado, de quem fui aluno em sete dos oito semestres do curso. Nesse mesmo ano, assisti maravilhado as aulas sobre pensadores pré-socráticos que o Prof. José Cavalcante de Souza ministrava no curso de Filosofia. As aulas desses professores tiveram para mim caráter de revelação hierofântica e penso que eles foram, depois de meus pais, as pessoas mais importantes de minha vida, embora na juventude eu tivesse conhecido e convivido com muitos semideuses. Com esses professores aprendi não só Língua e a Literatura Grega, mas a atitude metodológica e gnosiológica diante da língua e do texto; eles foram meus modelos de estudo, de pesquisa e de docência. No curso de latim, tive dois professores notáveis: o Prof. Antonio da Silveira Mendonça e a Prof.^a Zélia de Almeida Cardoso. Além de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina, as disciplinas eram Linguística, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Tive muitos professores, alguns

gloriosos e dignos do renome que os precedia, outros que me pareceram demasiado humanos e circunscritos ao âmbito das opiniões bifrontes dos mortais. Mas nada abalava o meu empenho nos gregos antigos.

Em 1974 conclui a graduação de Letras e fui convidado a lecionar na cadeira de grego como auxiliar de ensino, cargo para o qual fui contratado em 1975. Fiz o mestrado (1976-80) e o doutorado (1980-7) na USP e na pós-graduação, além dos Profs. Anna Lia Amaral de Almeida Prado e José Cavalcante de Souza, fui aluno de Gérard Lebrun sobre o estoicismo, de Davi Arrigucci Júnior sobre teoria e problemas de interpretação do poema, e de Jean-Pierre Vernant sobre poesia lírica grega arcaica, dos quais tenho gratas lembranças pessoais e de seus cursos como obras de arte.

O senhor tem um trabalho consolidado no campo da tradução clássica. A *Teogonia* de Hesíodo e as tragédias supérstites de Ésquilo e Eurípides são algumas das obras em que um claro trabalho poético resgata uma dimensão inspirada da linguagem, em suas potencialidades criativas e até religiosas. Como o senhor concebe o trabalho de tradução? Há outros nomes do campo da tradução (teoria e/ou prática) com que o senhor se identifica? Quais?

A poesia épica, lírica e dramática grega antiga foi, em larga medida, anterior à criação da prosa, à invenção da filosofia, e foi, portanto, anterior à distinção entre poesia e filosofia, e anterior ao divórcio entre a arte de cantar e o pensamento reflexivo e crítico. Em suma, a poesia antiga abarcou, compreendeu e dominou de modo incontestado os meios e as formas de pensar a vida e o mundo. A épica teve um caráter enciclopédico de preservação e transmissão do saber, e a lírica e a dramática reforçaram o seu caráter reflexivo e crítico, e no período clássico constituíram a forma mais eficaz e difundida de educação estatal.

A meu ver, decorre daí que a tradução da poesia grega arcaica e clássica tem exigências próprias e radicalmente diversas das da tradução da poesia moderna e contemporânea, porque a poesia antiga tinha uma função social própria e diversa da que a poesia tem na modernidade.

Nada impede que se possa abordar a poesia de todos os tempos sob a ótica da sincronia e concentrar-se na assim chamada “função poética”, pondo em prática uma espécie de ignorância metodológica, com resultados interessantes do ponto de vista dos estudos puramente literários. No entanto, com essa abordagem sincrônica, perde-se algo essencial: historicidade imanente à poesia antiga como documentos de formas pretéritas de pensar a vida e o mundo.

Em vista disso, a tradução da poesia grega antiga deve situar-se na intersecção da interdisciplinaridade de História Social, Antropologia, Filosofia Antiga e o que hoje entendemos por Poesia. Isso não deve nos surpreender, pois os Estudos Clássicos sempre tiveram esse caráter interdisciplinar, que se acentuou muito mais com a difusão dos estudos de Antropologia.

Não sei se posso me identificar com outros nomes do campo da tradução, mas reconheço-me devedor a três influências decisivas para as referências de minha poética da tradução: 1) a erudição, a perspicácia e o senso crítico de meus professores de Língua e Literatura Grega Dr.^a Anna Lia Amaral de Almeida Prado e Dr. José Cavalcante de Souza; 2) a simplicidade, a clareza e fluência de Manuel Bandeira em seu livro *Poemas Traduzidos* e de Guilherme de Almeida em sua “transcrição” de *Antígona* de Sófocles; e 3) a reivindicação de que a tradução de poesia tem de funcionar como poesia, defendida por Augusto de Campos e Haroldo de Campos. A meu ver, no caso de Manuel Bandeira e de Guilherme de Almeida, os dois trabalhos de tradução citados são o que há de melhor em toda a obra deles; e no caso de Augusto de Campos e de Haroldo de Campos, o trabalho deles em prol do reconhecimento do estatuto intrínseco da tradução de poesia os redime da quizumba provocada

pela militância e patrulha vanguardista bem como dos equívocos decorrentes dessa militância.

Ainda no campo da tradução clássica, como se deram suas escolhas? O que levou o senhor a destacar Hesíodo e, posteriormente, Ésquilo e Eurípides como poetas de eleição? O senhor tem trabalhos e/ou pretende trabalhar ainda com outros nomes da Antiguidade em termos de tradução?

A *Teogonia* de Hesíodo é um poema enigmático e fascinante porque descreve a gênese e a estrutura do universo mediante um repertório tradicional de imagens, a sintaxe própria à combinação dessas imagens e a noção mítica de “Deus(es)” que comunica às imagens dinâmica e hierarquia próprias. É um documento literário do pensamento mítico grego arcaico, isto é, de como os gregos entendiam o mundo antes de terem descoberto o pensamento técnico, o conceito e a cronologia.

As tragédias que nos chegaram de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, são documentos literários da permanência e transformação do repertório de imagens e de noções próprio do pensamento mítico grego na época em que os atenienses criaram para si mesmos uma forma sem precedentes de política interna, a democracia, e de política

externa, o império. Os desafios dessa nova forma de vida social e política são postos em questão e pensados pelas tragédias mediante esse repertório tradicional de imagens e de noções. Antes da criação da teoria política pela filosofia, as tragédias puseram na linguagem própria do pensamento mítico as questões de uma justiça divina e inevitável, inerente ao curso dos acontecimentos, refletiram sobre as questões dos limites inerentes ao exercício do poder público e particular, e se perguntaram sobre os perigos, viabilidade e inviabilidade da condição comum e distintiva dos mortais.

O que me fascina na *Teogonia* e nas tragédias é o convite à redescoberta de uma forma pretérita de pensar a vida e o mundo. Por ser a forma mais concisa e mais icástica da interpretação, a tradução é o primeiro e imprescindível recurso para apresentar aos meus contemporâneos em língua pátria o que a leitura dos documentos literários gregos arcaicos e clássicos me revela de seus enigmas e mistérios. A meu ver, a tradução é tanto uma escapulida de um presente política e culturalmente defraudado e sufocante, quanto o retorno ao convívio com meus contemporâneos em um novo tempo, iluminado e amplificado pelo reconhecimento de renovadas formas de pensar a vida e o mundo.

Publiquei o estudo e tradução das sete tragédias supérstites de Ésquilo pela Editora Iluminuras. Entreguei à Editora 34 para publicação o estudo e tradução das dezoito tragédias e do drama satírico supérstites de Eurípi-des. Neste momento, estou concluindo o estudo e revisão da tradução das sete tragédias supérstite de Sófocles, cuja publicação estou tratando com Ateliê Editorial. Quanto ao futuro, pertence a Deus e, nestes dias terríveis que vivemos, a maior incerteza é não sabermos a que Deus o futuro pertence.

Sabemos que desde os anos de sua formação na graduação (década de 1970) e pós-graduação (década de 1980), muitas transformações ocorreram no campo dos Estudos Clássicos e, mais especificamente, na área de Letras Clássicas: a criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), em 1985; a retirada da obrigatoriedade do estudo de latim dos cursos de Letras, sobretudo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996; a expansão universitária, com a criação de novos centros de Letras Clássicas em diferentes regiões do país; etc. Como o senhor encara a situação das Letras Clássicas no Brasil de hoje, incluindo aí sua experiência como Professor Titular na USP? O que de mais significativo mudou desde os tempos de sua formação? Como o senhor se posiciona perante a realidade atual?

Nestas cinco décadas, os Estudos Clássicos expandiram-se no Brasil, as traduções dos clássicos gregos e latinos se multiplicaram, criaram-se cadeiras de Língua e Literatura Grega em novas Universidades, têm-se doutorado em Letras Clássicas muitos jovens em número cada vez maior. Tudo nos leva a crer que é crescente e consistente o interesse e a difusão dos Estudos Clássicos em nosso país. Quanto à minha experiência como Professor Titular na USP, muito mais eu experimentaria, se não fosse para tão longo amor tão curta a vida.

Houve uma recente polêmica no campo dos Estudos Clássicos nos EUA, a partir de um pretense cancelamento de Homero como referência literária na educação de crianças e jovens. Sem querer entrar aqui nos detalhes da polêmica — até porque sua motivação parece ter sido uma peça publicitária deliberadamente escandalosa —, gostaria apenas de recorrer ao valor metonímico que Homero adquiriu no âmbito da cultura ocidental, como representação do próprio legado clássico, para perguntar ao senhor: o mundo está cada vez mais tecnológico, com o desenvolvimento de aparelhos que permitem uma conexão virtual a qualquer momento entre pessoas muito afastadas, um compartilhamento quase imediato de informações pessoais, além do acesso a variadas fontes de dados e informações com muita precisão e praticidade;

diante dessa realidade multifacetada, como justificar a presença e o estudo de Homero no presente?

Jean-Pierre Vernant numa entrevista contou que recebeu em Paris um telefonema da casa editora que publicaria nos Estados Unidos a tradução de *Mito e Pensamento na Grécia Antiga* pedindo-lhe que retirasse do livro as opiniões de Hesíodo sobre as mulheres porque não poderiam ser publicadas como estavam. A cultura estadunidense é tão rica e diversa que produz manifestações tanto sublimes e de fina civilidade quanto abjetas e ignóbeis. A citada polêmica sobre Homero tem antes a ver com as idiosincrasias de nossos irmãos do Norte do que com o próprio Homero. Penso que, enquanto a vida inteligente não se extinguir entre os bípedes implumes, sempre haverá homeristas, homerizantes, aedos e leitores apaixonados de Homero. Isso devido à afinidade com a Musa de Homero e atração pela Musa de Homero que inevitável e irresistivelmente afloram em todas as inteligências pensantes e reflexivas.

A título de (talvez impertinente) curiosidade, o senhor já traduziu ou pensou em traduzir Homero? Se não, por quê? E Sófocles?

Sim, a título de exercício e de experiência traduzi alguns cantos da *Ilíada* e da *Odisseia*, dos quais publiquei na revista *Letras Clássicas* o canto I da *Odisseia*. Ao longo destas cinco décadas tenho retraduzido continuamente *Os Trabalhos e os Dias* por um prazer perverso e obsessivo de tentar chegar a um resultado cada vez melhor, mas publiquei na revista *Hypnos* a tradução de *O Escudo de Hércules*. Em dezembro de 1972, lembro-me porque escrevi a data no livro, comprei na extinta Livraria Francesa na Rua Barão de Itapetininga o volume de *Les Belles Lettres* e comecei a traduzir *Édipo Rei* de Sófocles; parece-me que enfim consegui chegar a um resultado interessante porque traduzi as sete tragédias de modo sistemático e coerente como convém a um conjunto que é coeso.

Que conselho(s) o senhor daria a pessoas que atualmente começam a se dedicar ao campo dos Estudos Clássicos?

Estudar grego clássico todos os dias, como um compromisso consigo mesmo, resgate da própria identidade ancestral universal, forma de autodefesa e rito apotropaico. Não sei se esse conselho vale para outrem, caso algum valha, mas assim é como eu próprio me entendi com o meu Nume.